

O PAPEL DOS SATÉLITES CONCESSIVOS NA ESTRUTURA SUBJACENTE DA FRASE¹

Silvana Zamproneo²

Considerações iniciais

Este trabalho analisa as construções concessivas do português escrito contemporâneo do Brasil, a partir de ocorrências³ reais extraídas de textos técnico, oratório, dramático, romanesco e jornalístico. São objeto de estudo as construções que exibem marcas formais (conjunções e locuções conjuntivas), responsáveis pela explicitação da relação concessiva.

Adota-se a proposta funcionalista para a classificação das construções concessivas. Assume-se que a articulação das orações concessivas é um tipo particular de expansão hipotática de realce, na qual a oração concessiva expande a oração nuclear realçando seu significado e qualificando-a com referência à concessão (Halliday, 1985). A combinação das orações hipotáticas concessivas codifica, juntamente com outras formas de expansão hipotática de realce como causa, tempo, condição, etc, as relações retóricas de núcleo-satélite⁴, as quais estão presentes no texto todo (Matthiessen & Thompson, 1988).

Uma primeira análise das ocorrências revela que a construção concessiva não se circunscreve ao nível oracional, ou seja, à articulação da oração concessiva com a oração nuclear. O elo concessivo ocorre entre diferentes níveis estruturais do discurso. Dentro de um parágrafo, a relação concessiva pode dar-se entre diferentes níveis sintáticos (ou estruturais):

- **intra-oracional:** entre duas sintagmas:
 - (1) Pior, ainda, é o que ocorre em Brasília, onde o endereço é de quadras, superquadras, blocos e pontos cardeais, **frias expressões, embora de coordenadas precisas**, que sugerem ao turista e ao carteiro os itinerários de um cemitério. (TA-O/LO)
- **intrafrasal:** entre duas orações simples, entre duas orações complexas⁵, entre uma oração simples e uma oração complexa:
 - (2) Ao meio-dia no seu apartamento ... **estarei lá sem falta, ainda que o mundo acabe...** (F/LD)

¹ Este trabalho é parte do capítulo IX da dissertação intitulada *A hipotaxe adverbial concessiva no português escrito contemporâneo do Brasil*, apresentada à UNESP – CAr em junho de 1998. Uma versão condensada deste trabalho foi apresentada no XV Encontro Nacional da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), realizado na Universidade Federal Fluminense (Niterói – RJ), de 04 a 07 de junho de 2000, como parte da comunicação intitulada *A combinação das orações concessivas*.

² Departamento de Letras – UNICLAR – 14300-000 – Batatais – SP – Brasil.

³ As ocorrências foram extraídas do Banco de Dados do Centro de Estudos Linguísticos da UNESP – CAr, montado para os projetos Dicionário de Usos do Português e Gramática de Usos do Português, coordenados, respectivamente, pelos professores Francisco da Silva Borba e Maria Helena de Moura Neves.

⁴ De acordo com essa relação núcleo-satélite, a oração concessiva será chamada “satélite” e a oração dita principal será chamada “oração nuclear”.

⁵ O termo oração complexa é usado neste trabalho para designar o conjunto composto pelas tradicionalmente denominadas oração “principal” e oração “subordinada” (adverbial, relativa ou substantiva) que não constitua, por si mesmo, um ato de fala.

(3) Está claro que **o asilo não pode beneficiar pessoas que cometam crimes comuns, embora proteja as que praticarem tais crimes de forma conexa com crimes políticos.** (DIP/LT)

(4) **Embora alguns adolescentes cresçam rapidamente, outros o fazem tão gradualmente que nada de anômalo se evidencia.** (AE/LT)

(5) **Embora a hereditariedade seja um fator relativamente constante, enquanto o meio é mais variável, ambos, entretanto, são indispensáveis ao desenvolvimento (das células sexuais).** (AE/LT)

- **interfrasal:** entre duas frases⁶:

(6) Olga: Não me fale de escritores! **Me cansei, ouviu! Nem que fosse um Prêmio Nobel!** Eu prefiro um jogador de futebol! (F/LD)

Esses diversos níveis sintáticos em que se estabelece a relação concessiva – sintagmas, orações e frases – serão analisados dentro da proposta funcionalista de organização da estrutura subjacente da frase em camadas.

As camadas da estrutura subjacente da frase

Na Gramática Funcional, Dik (1989; 1990), Hengeveld (1988, apud Dik 1990), Bolkestein & Hengeveld (1995) sugerem que a estrutura subjacente de uma frase (*clause*) apresenta quatro camadas (*layers*).

A predicação constitui o núcleo da estrutura subjacente da frase. O predicado, que designa propriedades ou relações, e os termos, que se referem às entidades e que preenchem as posições argumentais do predicado, compõem a predicação nuclear. Esta é estendida pelos operadores de predicado e pelos satélites de nível 1, dando origem à predicação central. Os operadores de predicação e os satélites de nível 2 formam a predicação estendida. Em suma, o predicado se aplica a um certo número de termos, produzindo uma predicação, que designa um estado de coisas (EC), isto é, uma codificação lingüística que o falante faz da situação.

A predicação pode ser construída dentro da estrutura mais alta, a proposição, que designa um conteúdo proposicional, isto é, um fato possível, que pode ser verdadeiro ou falso, conhecido, pensado, mencionado, lembrado, negado, rejeitado.

A proposição é revestida de força ilocucionária, constituindo a frase (*clause*), que corresponde a um ato de fala, mais alto grau da organização frasal. O sistema de regras de expressão da língua determina a forma, a ordem dos termos e o padrão entonacional dos constituintes.

Nas quatro camadas (predicado, predicação, proposição e frase) operam quatro níveis correspondentes de operadores e de satélites, conforme se ilustra a seguir:

⁶ O termo frase é aqui utilizado em referência à cláusula de Dik (1989). A relação concessiva entre duas frases (interfrasal) compreende dois atos de fala distintos. Ocorre uma quebra ou pausa entonacional, marcada pelo ponto, entre os segmentos conectados.

Camada	variável	categoria semântica	operadores (π) e satélites ⁷ (σ)
1. predicado ⁸ (<i>frame</i>)	f_i	propriedade/relação	operadores e satélites de predicado (π_1 e σ_1)
2. predicação	e_i	estado de coisas	operadores e satélites de predicação (π_2 e σ_2)
3. proposição	X_i	fato possível	operadores e satélites proposicionais (π_3 e σ_3)
4. frase (<i>clause</i>)	E_i	ato de fala	operadores e satélites ilocucionários (π_4 e σ_4)

Dik (1990) e Bolkestein & Hengeveld (1995) apresentam estudos nos quais propõem que as orações adverbiais sejam concebidas como satélites adverbiais que atuam em diferentes camadas da estrutura subjacente da frase.

Dik⁹, em seu estudo da semântica das condicionais, divide as prótases condicionais em satélites proposicionais e satélites ilocucionários. Bolkestein & Hengeveld¹⁰ concebem as orações de explicação como satélites de quarta ordem (nível da frase), as orações de razão como satélites de terceira ordem (nível da proposição) e as orações de causa como satélites de segunda ordem (nível da predicação).

O que se pretende é mostrar que, assim como as causais e as condicionais, as concessivas podem ser concebidas como satélites que operam em diferentes camadas, ou níveis, da estrutura da frase, estendendo-se em um contínuo que vai do nível da predicação ao nível da frase (ato de fala).

Satélites concessivos no nível da predicação: satélites de predicação

Nas ocorrências abaixo, a relação concessiva se dá entre um SN e um SPrep - (7) e (8) - e entre um SN e um SAdj - (9), (10) e (11):

⁷ Satélites de predicado (σ_1) indicam propriedades adicionais ao conjunto de ECs designado, tais como participantes adicionais, maneira, modo, meio e orientação espacial. Satélites de predicação (σ_2) localizam o EC em um cenário espacial, temporal e cognitivo, e relativo a outros ECs. Satélites proposicionais (σ_3) especificam a atitude do falante. Satélites ilocucionários (σ_4) modificam a força ilocucionária, especificam a maneira do ato de fala ou o cenário comunicativo como tempo, razão ou condição do ato de fala.

Predicação nuclear (predicado + termos) + π_1 e σ_1 = predicação central; predicação central + π_2 e σ_2 = predicação estendida; predicação estendida + π_3 e σ_3 = proposição; proposição + π_4 e σ_4 = frase (ato de fala).

⁸ De acordo com Bolkestein & Hengeveld (1995), o predicado é de ordem zero e os termos são de primeira ordem.

⁹ *If John stays, (then) Peter will leave.* (condicional proposicional)

If you're interested, John is a catholic. (condicional ilocucionária)

¹⁰ *Jenny isn't here, for I don't see her.* (explicação)

Jenny went home because her sister would visit her. (razão)

The fuse blew because we had overloaded the circuit/because of our overloading the circuit. (causa)

(7) **O trabalho do Dr. Floriano Stofell, embora apenas sobre a somatometria externa**, estabelece as medidas precisas dos diferentes tipos de adolescentes brasileiros. (AE/LT)

(8) **A obediência irresponsável, ainda que à autoridade legítima**, pode levar a desajustes. (LEO-LO)

(9) **Seus terríveis mendigos, embora inúmeros**, têm todo esse recheio e personalidade. (ROT/LT)

(10) O objeto, ao entrar no universo humano, parece adquirir uma autonomia de sua base material, sendo em qualquer sociedade carregado de valores simbólicos que não deixam de confundir tanto seus usuários quanto **o arqueólogo, ainda que observador externo e inserido em outra sociedade**. (ARQ/LT)

(11) **Esta divisão, ainda que esquemática e parcialmente enganadora**, permite restabelecer os liames entre as técnicas de escavação, os saberes que as tornam possíveis e seus pressupostos epistemológicos e sociais. (ARQ/LT)

Em tais ocorrências, os SNs - núcleos das construções concessivas - são termos derivados¹¹ que atuam como argumentos do predicado. Os sintagmas concessivos operam, então, diretamente sobre tais termos.

Em (7) e (8), apenas sobre a somatometria externa e à autoridade legítima relacionam-se aos respectivos nomes trabalho e obediência. Apagando-se a conjunção, SN e SPrep unem-se em um único termo derivado que se alia ao predicado formando a predicação, a qual designa, por sua vez, um estado de coisas:

(7a) **O trabalho do Dr. Floriano Stofell apenas sobre a somatometria externa** estabelece as medidas precisas dos diferentes tipos de adolescentes brasileiros.

(8a) **A obediência irresponsável à autoridade legítima** pode levar a desajustes.

Em (9), (10) e (11), a relação concessiva se dá entre um nome - mendigos, arqueólogo e divisão - e seu atributo - inúmeros, observador externo e inserido em outra sociedade e esquemática e parcialmente enganadora. Assim como nas duas ocorrências anteriores, apagando-se a conjunção, SN e SAdj unem-se em um único termo derivado que atua como argumento do predicado. Essa relação atributiva pode ser concebida como uma predicação nuclear (termo + predicado nominal) que estaria inserida na predicação estendida, que designa um EC:

(9a) **Seus terríveis mendigos inúmeros** têm todo esse recheio e personalidade.

¹¹ Os termos básicos são expressões que funcionam somente como termos e são dados como tais no léxico (pronomes pessoais, nomes próprios, palavras interrogativas, etc). Os termos derivados correspondem aos sintagmas nominais (por exemplo, o garoto jovem).

(10a) O objeto, ao entrar no universo humano, parece adquirir uma autonomia de sua base material, sendo em qualquer sociedade carregado de valores simbólicos que não deixam de confundir tanto seus usuários quanto **o arqueólogo observador externo e inserido em outra sociedade**.

(11a) **Esta divisão esquemática e parcialmente enganadora** permite restabelecer os liames entre as técnicas de escavação, os saberes que as tornam possíveis e seus pressupostos epistemológicos e sociais.

Nessas cinco ocorrências, portanto, a relação concessiva ocorre em um nível mais baixo, o da predicação, com o segmento concessivo atuando diretamente sobre um termo, complementando-o, qualificando-o ou quantificando-o.

Em (12) e (13), a relação concessiva ocorre entre o SV e um SAdv:

(12) Outras **conseguem crescer, embora menos vigorosamente**, sob variados graus de sombra. (TF/LT)

(13) Mas a nós, amados filhos, **interessa saber, ainda que aproximadamente**, o número de irmãos nossos, pela fé ou pela natureza, que a Besta Vermelha matou. (SI-O/LO)

Em tais ocorrências, embora menos vigorosamente e ainda que aproximadamente modificam, respectivamente, conseguem crescer e interessa saber. Atuam, pois, como satélites de predicação, ambos operando no nível dois. O resultado é a predicação estendida:

(12a) Outras conseguem crescer, menos vigorosamente, sob variados graus de sombra.

(13a) Mas a nós, amados filhos, interessa saber, aproximadamente, o número de irmãos nossos, pela fé ou pela natureza, que a Besta Vermelha matou.

Do ponto de vista lógico-semântico, a relação concessiva tem sido concebida como “negação da expectativa” (Lakoff, 1971), “contrariedade a uma relação implicativa pressuposta” (Rivarola, 1976, apud García, 1994), “relação não-implicativa” (Rivas, 1989; 1990), “implicação negada” (Pötters, 1992, apud Hermodsson, 1994), “implicação frustrada” (Longacre, 1985), “negação de inferência” (Neves, 1984). A idéia básica que subjaz a essas concepções é a de que, na relação concessiva, a expectativa de que o fato expresso na oração concessiva implique o contrário do fato expresso na oração nuclear é frustrada. Em outros termos, a relação concessiva nega a implicação “Normalmente, se p, então não-q”.

Uma definição puramente lógico-semântica da relação concessiva não é suficiente para dar conta de todos os valores dessa complexa relação. De natureza argumentativa e dialógica em sua essência (Danon-Boileau et al., 1991), a concessão envolve a relação falante/ouvinte. Definições pragmáticas como aquela proposta por Bechara (1954), segundo a qual o falante, prevendo a possível objeção de seu interlocutor, a introduz na oração concessiva, mas faz prevalecer o seu argumento, expresso na oração nuclear, e aquela de Thompson (1987), em que a concessão é vista como uma relação discursiva, face aos objetivos do falante e a percepção do ouvinte desses objetivos, prevêm exatamente o jogo interativo entre falante e ouvinte, e estão de acordo com o modelo de interação verbal concebido por Dik (1989). A

concessão pode, portanto, ser concebida como uma estratégia discursiva em que são colocados em relação dois argumentos que se contrapõem.

A relação concessiva, concebida como negação da expectativa ou como contraposição entre argumentos, envolve o raciocínio do falante e um jogo retórico entre falante e ouvinte, o que permite concluir que ela seria mais apropriadamente interpretada no nível da proposição e no nível da frase. Entretanto, os casos de relação concessiva entre SN e SPrep, SN e SAdj e SV e SAdv podem ser considerados no nível da predicação, já que, nesses casos, o SPrep e o SAdj operam sobre o SN argumento do predicado, e o SAdv opera sobre a predicação mais baixa.

Há também casos de relação concessiva entre sintagmas que são interpretados em um nível mais elevado, o da proposição, como se verifica a seguir.

Satélites concessivos no nível da proposição: satélites proposicionais

Nas ocorrências seguintes, a relação concessiva se dá entre o SV e um SPrep:

(14) Evidentemente o protótipo é uma simplificação ou caricatura só justificável em comédias ou quadros humorísticos, sketches de TV, cujos traços exagerados **provocam o riso, embora na dependência da qualidade do ator.** (ROT/LT)

(15) Havíeis terminado o romance. **Quis proclamá-lo imediatamente, embora com sacrifício do prazer e da honra de lê-lo em primeira mão.** (CAR-O/LO)

Nessas ocorrências, os segmentos concessivos podem ser interpretados como satélites proposicionais que operam no nível três. O resultado é a proposição, a qual designa um fato possível. Os satélites concessivos proposicionais - embora na dependência da qualidade do ator e embora com sacrifício do prazer e da honra de lê-lo em primeira mão - especificam, portanto, a atitude mental do falante e a sua avaliação em relação aos respectivos ECs - os traços exagerados provocam o riso e quis proclamá-lo imediatamente.

Se por um lado os sintagmas concessivos podem ser analisados como satélites de predicação e como satélites proposicionais, as orações concessivas podem, por outro lado, ser interpretadas como satélites proposicionais e como satélites ilocucionários.

Segundo Sweetser (1990), as conjunções são ambíguas entre os usos em três domínios: do conteúdo, epistêmico e conversacional (ou dos atos de fala)¹². Todas as conjunções são passíveis de leitura nesses três domínios. As ocorrências seguintes ilustram, respectivamente, as leituras no domínio do conteúdo, epistêmico e conversacional:

(16) Embora a maioria dos crustáceos tenha hábitos livres, há algumas espécies parasitárias. (GAN/LT)

(17) Em 1939, a Segunda Grande Guerra (...) foi o tiro de misericórdia que liquidou a organização, embora formalmente ela só se tenha extinto em 1946. (DIP/LT)

¹² Para Sweetser (1990, p. 79), as construções concessivas por ela citadas têm, respectivamente, leitura de conteúdo, epistêmica e de ato de fala:

Although he didn't bear me calling / could hardly walk, he came and saved my life.

Although he came and saved me, he hadn't heard me calling for help.

Although I sympathize with your problems, get the paper in tomorrow!

- (18) – Você tinha ou tem muito interesse em dançar esta noite?
- Embora a senhora não me compreenda, tinha e tenho.
- Mas não vai dançar. Você está suspensa! (BB/LR)

Alguns enunciados concessivos, embora sejam raros, permitem uma leitura de domínio do conteúdo. Nesses casos, a relação concessiva se dá entre dois ECs, concebidos como algo que pode ocorrer no “mundo real”. A princípio, pareceria plausível, então, estabelecer um paralelo entre o domínio do conteúdo de Sweetser e o nível da predicação (que designa um EC). Entretanto, tal equivalência é duvidosa, já que um enunciado concessivo de domínio do conteúdo muitas vezes é passível de leitura no domínio epistêmico ou no domínio dos atos de fala. Além disso, mesmo aqueles enunciados que possibilitam a leitura de conteúdo são frutos da elaboração mental e passam pela avaliação do falante. A própria natureza da concessão, como se observa tanto em uma análise lógico-semântica como em uma análise argumentativo-pragmática, envolve todo esse universo mental e de raciocínio dos interlocutores: do ponto de vista lógico-semântico, o falante, por meio da oração concessiva, provoca no ouvinte uma expectativa, a qual é frustrada na oração nuclear; dentro da perspectiva pragmática, o falante apresenta na oração concessiva o que ele julga ser a objeção do ouvinte, mostrando que não ignora o ponto de vista de seu interlocutor, mas faz prevalecer, na oração nuclear, o seu ponto de vista. A relação concessiva, portanto, mais do que contrastar fatos do mundo real (ECs) contrasta fatos possíveis (conteúdos proposicionais) e argumentos no discurso.

As orações concessivas, com exceção daquelas que permitem ser analisadas como satélites ilocucionários, conforme se verificará posteriormente, são, pois, satélites proposicionais que especificam a atitude do falante e sua avaliação acerca dos conteúdos conectados. Nesse sentido, então, o domínio epistêmico proposto por Sweetser poderia ser enquadrado nesse terceiro nível de estruturação da frase: a proposição.

As ocorrências abaixo ilustram os casos em que a oração concessiva atua como um satélite proposicional:

(19) Os fatos e algarismos expostos mostram a importância do tema que estamos abordando, embora a transposição dos mesmos para o nosso meio não se justifique inteiramente, tal a diferença de condições - principalmente econômicas, sociais e educacionais - entre os dois países. (PT/LT)

(20) Contar quatro ou cinco histórias, ou oito como o cinema italiano já fez, foi moda nos anos sessenta, principalmente no gênero comédia, embora tenha sido com o filme de terror inglês - Na solidão da noite - que o novo formato se configurou. (ROT/LT)

(21) Ainda que produzidas com enfado e desinteresse, vossas colaborações faziam as delícias dos leitores. (CAR-O/LO)

(22) Conquanto usufruindo os benefícios da riqueza, aquele varão tinha uma boa consciência. (LE-O/LO)

(23) Não existe fronteira nenhuma entre uma e outra, e ainda que existisse, como ficou muito bem esclarecido, o que há é um aspecto contínuo no qual ciência pura é apenas uma das faixas e ciência aplicada outra. (PT/LT)

(24) Ainda que a rosa tivesse outro nome, seu perfume seria o mesmo. (DIP/LT)

(25) Terás a tua parte na exploração das minas, mesmo que não aceites o posto de Administrador-Geral. (VP/LD)

(26) Em qualquer hora, da manhã ou da noite, ou ainda que faça o maior calor do mundo, essa janela tem que ficar fechada, Rita. Fechada, entendeu? (F/LD)

Em (19), (20), (21) e (22), o satélite concessivo expressa a avaliação do falante acerca do conteúdo proposicional apresentado na oração nuclear. Em (19) e (20), após a introdução do conteúdo proposicional nuclear, o falante coloca a oração concessiva como uma retificação ao que acabou de dizer.

As ocorrências (23) e (24) são contrafactuais e (25) e (26) são eventuais. Aquilo que é irreal, ou seja, que não faz parte do “mundo real” mas de um mundo alternativo, e aquilo que se imagina, ou se prediz, só podem fazer parte do universo mental, epistêmico do falante. Dessa forma, as orações concessivas ainda que existisse, ainda que a rosa tivesse outro nome, mesmo que não aceites o posto de administrador-geral e ainda que faça o maior calor do mundo, as quais expressam, respectivamente, fato possível somente em um mundo irreal alternativo e fato hipotético, são, por excelência, satélites proposicionais¹³.

Satélites concessivos proposicionais são também evidentes naqueles enunciados em que estão presentes verbos modais epistêmicos, deônticos e que expressam necessidade alética na oração concessiva, na oração nuclear, ou em ambas.

Verificou-se o número de ocorrências de verbos modais na oração concessiva e na oração nuclear em um *corpus* de 253 ocorrências extraídas das literaturas técnica, oratória e dramática. O quadro seguinte revela o número de modais presentes na oração concessiva e/ou na oração nuclear por tipo de literatura.

¹³ Dik (1990) classifica as condicionais irrealis ou contrafactuais e as condicionais potenciais ou eventuais como satélites proposicionais.

QUADRO 1

Correlação: presença de verbos modais na oração concessiva e na oração nuclear

Modais na concessiva/ Modais na nuclear	LT		LO		LD		T
Nenhum modal / nenhum modal	92	71,3%	53	67,0%	31	69,0%	176
Nenhum modal / epistêmico	15	11,6%	14	17,7%	03	6,7%	32
Epistêmico / nenhum modal	10	7,7%	05	6,3%	02	4,4%	17
Nenhum modal / deôntico	03	2,3%	05	6,3%	05	11,1%	13
Epistêmico / epistêmico	03	2,3%	02	2,7%	02	4,4%	07
Deôntico / nenhum modal	01	0,8%	-----		01	2,2%	02
Alético / nenhum modal	01	0,8%	-----		01	2,2%	02
Nenhum modal / alético	01	0,8%	-----		-----		01
Epistêmico / deôntico	01	0,8%	-----		-----		01
Epistêmico / alético	01	0,8%	-----		-----		01
Deôntico / deôntico	01	0,8%	-----		-----		01
TOTAL	129		79		45		253

Tanto na LT como na LO e na LD, a maioria dos enunciados concessivos não apresenta verbos modais no satélite nem no núcleo (71,3% na LT, 67% na LO e 69% na LD). Entretanto, o número desses verbos no satélite e/ou no núcleo é significativo:

- Na LT: 43 verbos modais, sendo 15 epistêmicos no satélite concessivo e 18 no núcleo; 2 deônticos no satélite concessivo e 5 no núcleo; 1 necessidade alética no satélite concessivo e 2 no núcleo.
- Na LO: 28 verbos modais, sendo 7 epistêmicos no satélite concessivo e 16 no núcleo; 5 deônticos no núcleo.
- Na LD: 16 verbos modais, sendo 4 epistêmicos no satélite concessivo e 5 no núcleo; 1 deôntico no satélite concessivo e 5 no núcleo; 1 necessidade alética no satélite concessivo.

Verbos epistêmicos totalizam 65 ocorrências: 26 no satélite concessivo e 39 no núcleo; verbos deônticos totalizam 18 ocorrências: 3 no satélite concessivo e 15 no núcleo; verbos que expressam necessidade alética totalizam apenas 4 ocorrências: 2 no satélite concessivo e 2 no núcleo.

As ocorrências abaixo ilustram a presença de verbos modais na oração concessiva (27, 28 e 29), na oração nuclear (30, 31 e 32) e em ambas (33, 34, 35, 36 e 37):

(27) Uma parte, aliás, dos tachistas de agora prossegue na sua destruição (da tela), embora não se **compreenda** por que, como na fixação do peru dentro da roda de giz, artistas como Burri, Riverea e outros ainda conservam a delimitação retangular de uma tela inútil. (MH/LT)

(28) Ainda que isto (reeditar o livro) **pudesse ser** uma temeridade editorial, insisti no meu propósito. (CAR-O/LO)

(29) Nem que **seja preciso** passá mais fome, o jeito é aguentá! (EN/LD)

(30) Embora o antibiótico atue contra o gonococo, **não temos dúvida** em condenar esta prática. (ANT/LT)

(31) Ainda que a responsabilidade pelo conteúdo aqui apresentado recaia inteiramente no autor, **devo ressaltar** que nenhuma referência poderia fazer jus à dívida contraída para com os amigos citados. (ARQ/LT)

(32) Embora as cerimônias de iniciação do indivíduo no grupo, em todos esses povos, estivessem sempre prescritas para uma época de vida mais ou menos análoga, **não se pode dizer** que haja uma idade cronológica rigorosamente a mesma para a determinação do aparecimento da puberdade em todos os indivíduos. (AE/LT)

(33) Embora alguns desses compostos **pareçam apresentar** algumas propriedades bastante promissoras, **não podemos ainda contar** com eles. (ANT/LT)

(34) Embora **tenha sempre preferido** criar a adaptar, **tive que fazer** inúmeras adaptações. (ROT/LT)

(35) Já **não me lembrava** muito bem, embora de sua antiga leitura **me houvesse ficado a impressão** inapagável de um livro que se lera com encanto e amor. (CAR-O/LO)

(36) (O Ministro de Estado das Relações Exteriores) **não precisa ser** um funcionário de carreira, embora **possa sê-lo**. (DIP/LT)

(37) Grande perdão venha de lá sobre todos os nossos inimigos ou sobre todos aqueles que **julgamos** tais, muito embora objetivamente **devam chamar-se** benfeitores. (NE-O/LO)

Em (27), está presente o verbo epistêmico compreender; em (28), pudesse ser indica possibilidade epistêmica¹⁴; em (29), seja preciso indica necessidade alética (marcada pelo traço – controle).

Em (30), não temos dúvida (=ter certeza) indica certeza epistêmica; em (31), devo ressaltar é um modalizador deontico que indica obrigação e dever moral; em (32), não se pode dizer indica impossibilidade epistêmica.

Em (33), pareçam apresentar indica incerteza epistêmica e não podemos ainda contar indica impossibilidade epistêmica; em (34), tenha sempre preferido expressa volição, desejo e tive que fazer é um modalizador deontico que indica dever; em (35), não me lembrava e me houvesse ficado a impressão são duas expressões modais que apontam incerteza epistêmica; em (36), não precisa ser indica necessidade alética e possa sê-lo indica possibilidade epistêmica; em (37), julgar é, por excelência, um verbo epistêmico que expressa avaliação do falante e o modalizador deontico devam chamar-se indica obrigação moral.

Na ocorrência seguinte, mediante a modalização epistêmica, expressa pelo satélite proposicional prototípico do meu ponto de vista, o falante deixa clara sua opinião subjetiva acerca do conteúdo proposicional da oração concessiva:

¹⁴ Estas subclassificações foram feitas com base em Neves (1996).

(38) Embora a Arqueologia não seja, **do meu ponto de vista**, uma técnica no sentido empirista da palavra (“habilidade com respeito a coisas mecânicas”), nem restrinja sua prática à escavação, permanece o fato de que a escavação e suas técnicas possuem uma importância crucial tanto na práxis como na reflexão metodológica e teórica da Arqueologia. (ARQ/LT)

Quanto à relação concessiva entre duas frases, observem-se as ocorrências:

(39) Mas amanhã a polícia deve tá aí de novo. Se bem que o Rafael andou correndo uma lista... (IN/LD)

(40) Zé-Do-Burro: fiquei um pouco preocupado.

Rosa: (ferida pela falta de ciúmes dele) comigo ?

Zé-Do-Burro: você num hotel, sozinha, cidade grande, a gente nunca sabe. Se bem que o moço garantiu que era hotel de família. (PP/LD)

(41) Era costumeiro as mães ralharem e surrarem as filhas erradas. Se bem que Maizé não chegou a apanhar da mãe. (CT/LJ)

Nessas ocorrências, a quebra no andamento da fala, marcada pela pontuação, conduz ao raciocínio de que as frases concessivas (*afterthoughts*), as quais ocorrem pospostas, equivalem a dois atos de fala: o falante introduz um ato de fala (a frase nuclear) e, a seguir, pesando possíveis objeções àquilo que acabou de dizer, introduz um novo ato de fala (a frase concessiva). Assim, as frases conectadas corresponderiam à cláusula de Dik (1989), e a relação concessiva interfrasal estaria enquadrada na quarta camada de organização da estrutura subjacente da frase: camada dos atos de fala.

De acordo com esse critério de ruptura entonacional, as frases concessivas seriam consideradas satélites ilocucionários operando no nível dos atos de fala. Entretanto, elas introduzem uma reavaliação do falante acerca do que acabou de dizer, podendo, por isso, ser interpretadas como satélites proposicionais.

Dada essa possibilidade ambígua de classificar os *afterthoughts* como satélites proposicionais (critério semântico) ou como satélites ilocucionários (critério sintático e entonacional), assume-se que eles estão entre a proposição e o ato de fala dentro do contínuo que se estende do nível da predicação (segundo nível), passando pelo nível da proposição (terceiro nível), ao nível dos atos de fala (quarto nível).

A seguir, analisam-se as orações concessivas com a função de satélites ilocucionários.

Satélites concessivos no nível do ato de fala: satélites ilocucionários

Um satélite concessivo ilocucionário não opera sobre um EC ou sobre uma proposição, mas é apresentado pelo falante como algo que não é suficiente para impedir o ato de fala que está sendo desempenhado. Em outros termos, satélites ilocucionários dizem respeito às propriedades do ato de fala nuclear, modificam-no e estão relacionados, concessivamente, ao evento (E_i - *clause*) que consiste em realizar esse ato de fala. Têm, portanto, um caráter metacomunicativo (nos termos de Dik, 1990) ou metalingüístico. O

domínio conversacional ou dos atos de fala proposto por Sweetser (1990) estaria enquadrado, então, nessa quarta camada.

Nas ocorrências seguintes, as orações concessivas metalingüísticas são analisadas como satélites ilocucionários:

(42) Por muito que isto fira a tua vaidade, lamento contradizer-te, é a mim que Creonte deseja. (TEG/LD)

(18) - Você tinha ou tem muito interesse em dançar esta noite?

- Embora a senhora não me compreenda, tinha e tenho.

- Mas não vai dançar. Você está suspensa. (BB/LR)

(43) Não é uma história que se propõe ser de terror, apesar de que, **vou ser franca**, o fenômeno que vamos desvendar tem assombrado nossa vida desde o início do modo de produção capitalista até os dias atuais. (MER/LT)

(44) A língua não se impõe ao indivíduo (embora isso freqüentemente se costume dizer). (EGR/LT)

(45) Embora vocês duvidem, nosso jogo é de homens. (FB/LT)

(46) - Não é coisa boa o inspetor Barreto, disse Cordulina, ainda que eu, **se fosse falar de experiência própria**, nem soubesse dizer por que é que ele não é coisa boa. (CONC/LR)

(47) Ainda que mal pergunte, o senhor é médico? (N/LR)

(48) Mesmo que você não sabia, é proibido. (PFV/LR)

Em (42), a falante desempenha o ato de fala no qual declara sua certeza sobre a preferência de Creonte por ela, apesar de saber que tal declaração fere os sentimentos da interlocutora; é como se a falante dissesse: “eu afirmo que Creonte me deseja, apesar de essa minha declaração ferir sua vaidade e afirmar o contrário do que você diz a esse respeito”.

Em (18), a incompreensão não impede o ato de responder afirmativamente, o que contraria a ouvinte; é como se a falante declarasse: “eu não ignoro que a senhora não compreende minha resposta, mesmo assim respondo afirmativamente à sua pergunta”.

Em (43), vou ser franca é um satélite de quarto nível, o qual especifica a atitude da falante em relação ao seu ato de fala anterior. A falante desempenha um ato de fala no qual declara “o fenômeno estudado não é uma história de terror”, mas depois acrescenta: “vou ser franca, o fenômeno estudado tem assombrado nossa vida”.

Em (44), é como se o falante declarasse “eu sustento a minha afirmação de que a língua não se impõe ao indivíduo apesar das afirmações contrárias”. O falante declara a sua tese, ou seja, sustenta o seu ato de fala declarativo e, a seguir, apresenta o ato de fala concessivo no qual afirma que está contradizendo o que se tem dito acerca do assunto.

Em (45), a descrença dos interlocutores não impede que o falante desempenhe o ato de fala nuclear. É como se o falante declarasse: “eu afirmo que o nosso jogo é de homem apesar de vocês não acreditarem nisso”.

Em (46), a falante faz uma afirmação na qual emite um juízo de valor, um julgamento acerca de uma pessoa, e depois declara não saber dizer a causa desse julgamento. É como se ela dissesse: “eu declaro que o inspetor Barreto não é coisa boa apesar de ignorar o fundamento dessa minha declaração”.

Em (47), o falante, retoricamente, se desculpa de sua pergunta.

Em (48), a ignorância do ouvinte é irrelevante para a existência da proibição. É como se o falante declarasse: “a proibição é um fato incontestável apesar de você ignorá-la”.

Conclusões

Partindo-se dos estudos de DIK (1989 e 1990) e de Bolkestein & Hengeveld (1995), observou-se que os segmentos concessivos (sintagmas, orações e frases) atuam como satélites em três diferentes níveis da estrutura subjacente da frase.

Quanto à relação concessiva no nível do sintagma, verificou-se que:

- Um sintagma concessivo pode ser interpretado como um satélite de predicação operando sobre um termo (SPrep ou SAdj operando sobre um SN) ou sobre uma predicação mais baixa formando a predicação estendida (um SAdv operando sobre um SV).
- Um sintagma concessivo pode ser interpretado como um satélite proposicional, que especifica a atitude mental e a avaliação do falante.

As orações concessivas, pode-se concluir, são satélites proposicionais:

- quando expressam o raciocínio e a avaliação mental do falante acerca do conteúdo proposicional da oração nuclear;
- nos enunciados concessivos eventuais e nos contrafactuais;
- nos enunciados em que há a presença de modais epistêmicos, deônticos ou que indicam necessidade alética na oração concessiva e/ou na oração nuclear.

Sintagmas, orações e frases concessivas preenchem um contínuo que se estende do segundo nível, o da predicação (estado de coisas), passando pelo terceiro nível da proposição (fato possível), até o quarto nível, o da frase (atos de fala):

→	_____	→
<p><u>predicação –</u> satélite de predicação compreende a relação concessiva entre SN e SPrep; SN e SAdj; SV e SAdv.</p>	<p><u>proposição –</u> satélites proposicionais compreende os casos: - de relação concessiva entre SV e SPrep; - em que a oração concessiva expressa a atitude mental do falante em relação ao conteúdo proposicional da oração nuclear; - de concessivas eventuais e irrealis; - em que ocorre a presença de modais na concessiva e/ou na nuclear.</p>	<p><u>atos de fala –</u> satélites ilocucionários compreende a relação concessiva entre a oração concessiva metalingüística e a oração nuclear.</p>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. *Estudos sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1954.
- BOLKESTEIN, A.M., HENGEVELD, K. Formalizing in Functional Grammar. In: WORKSHOP ON FUNCTIONAL GRAMMAR, July 24, 1995. *Conference on Functional Approaches to Grammar*. Albuquerque, New Mexico, 1995, p. 1-6.
- DANON-BOILEAU, L. et al. Intégration discursive et intégration syntaxique. *Langages*. Intégration syntaxique et cohérence discursive, n. 104, p.111-127, 1991.
- DIK, S.C. *Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- _____. On the Semantics of Conditionals. In: NUYTS, J., BOLKESTEIN, A.M., CO VET (Eds) *Layers and Levels of Representation in Language Theory. A Functional View*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990, p. 233-261.
- GARCÍA, A.L. *Gramática del español I. La oración compuesta*. Madrid: Editorial Arco Libros, S.L, 1994.
- HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HERMODSSON, L. Der begriff “konzessiv”. Terminologie und analysen. *Studia neophilologica*, n. 66, p. 59-75, 1994.
- LAKOFF, R. Ifs, And’s, and But’s: about Conjunction. In: FILLMORE, C.J., LANGENDOEN, D.T. (Eds.) *Studies in Linguistic Semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston Inc., 1971, p. 114-149.
- LONGACRE, R.E. Sentences as Combinations of Clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.) *Language Typology and Syntactic Description Complex Constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 235-286. v. 2.
- MATTHIESSEN, C., THOMPSON, S.A. The Structure of Discourse and Subordination. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S.A. (Eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 275-329.
- NEVES, M.H.M. O coordenador interfrasal mas - invariância e variantes. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 21-42, 1984.
- _____. A modalidade. In: KOCH, I.G.V. (Org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996, p. 163-199. v. 6.
- RIVAS, E. Observaciones sobre las concesivas. Su comparación con las condicionales y las adversativas. *Verba*, n. 16, p. 237-255, 1989.
- _____. A propósito de condicionales reales. Referencias diacrónicas en torno a estas últimas. *Verba*, n. 17, p. 159-169, 1990.
- SWEETSER, E.E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. (Cambridge Studies in Linguistics, 54). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- THOMPSON, S.A. “Concessive” as a Discourse Relation in Expository Written English. *Ohio State University Working Papers in Linguistics*, v. 35, p. 64-73, 1987.